

O SERTANEJO ENTRE A DESUMANIZAÇÃO E O SER MAIS

EDUARDA SILVA ROCHA

Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Contato: dudaa.rocha01@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa analisar criticamente a obra *Vidas secas* do escritor brasileiro Graciliano Ramos, destacando elementos presentes na obra, como opressão, desumanização, esperança e resistência, fatores decisivos vividos por Fabiano e sua família no cenário sertanejo. A análise discute temas como seca, trabalho alienado e as relações de poder que atuam como mecanismo histórico, reproduzindo a desumanização, com base em autores como Paulo Freire, Karl Marx, Bourdieu, entre outros. Além disso, são analisados símbolos que revelam esperança, como o juazeiro e o desejo pelo “ser mais”, refletindo que, mesmo diante da violência estrutural, a esperança permanece resistente como fonte de sobrevivência.

Palavras-chave: Vidas secas. Desumanização. Alienação. Estrutura Social.

141

1. INTRODUÇÃO

A obra *Vidas secas* do escritor brasileiro Graciliano Ramos, publicada em 1938, retrata a trajetória de Fabiano e sua família em meio às desfortunas do sertão nordestino. Toda a narrativa é marcada pela fome, estiagem e opressão social, cujo contexto retrata o início do século XX, período em que o país vivenciava avanços e contradições no cenário político e social.

Esse artigo busca analisar as formas de opressão, esperança e

resistência presentes na referida obra, relacionando a narrativa vivida pelos personagens Fabiano, Sinha Vitória e seus filhos, compreendendo como essas figuras se expressam em diferentes momentos marcados por extrema desumanização. A análise propõe articular essas temáticas à luz filosofia de Paulo Freire e outros autores.

Para isso, a discussão será organizada em quatro seções: primeiro, a esperança como símbolo de resistência, cujo objetivo é analisar o papel simbólico do juazeiro para o sertanejo; segundo, a internalização da desumanização como reflexo de um ser inanimado; terceiro, a desumanização como precursora das falsas regras morais que estruturam a sociedade; e, por fim, o início da busca pelo “ser mais”.

2. ESPERANÇA NO SERTÃO

O que é necessário para o não sofrimento da vida? A esperança por dias melhores? Ou vestígios do cotidiano que nos proporcionam alívio momentâneo? Essa reflexão nos leva a observar o quanto Fabiano e sua família, em meio às diversidades do sertão, se apoiam na esperança de dias melhores: “Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava” (RAMOS, 2004, p. 13).

A família, que por longos caminhos, vagueia entre o desespero e a luta pela sobrevivência em um sertão castigado pela falta da chuva. Guiados por uma vida dura e infeliz, buscam um milagre que lhes ofereça alívio, ainda que breve, na sombra da folhagem seca: um descanso farsante e passageiro. Mesmo diante de tanta miséria, a esperança persiste como o único ponto de luz capaz de conduzi-los pelo chão ressequido e rachado. Nesse horizonte vermelho despido de vida, a visão de um juazeiro surge como miragem simbólica na vida dos viajantes, tornando-se promessa de coragem no coração do sertanejo.

A caatinga é um bioma exclusivo brasileiro que ocupa cerca de 54%

da região Nordeste e 11% do território nacional. O bioma é lar de milhares de brasileiros que vivem em um ambiente de terras áridas (cf. MÊLO *et al.*, 2023). O *Ziziphus joazeiro Martius*, da família Rhamnaceae, conhecido como juazeiro no sertão, é uma das espécies mais peculiares introduzidas nesse bioma nordestino (cf. TAJRA *et al.*, 2020).

Segundo Tajra *et al.* (2020), o juazeiro possui grande importância econômica e biológica, apresentando propriedades medicinais para consumo humano. A árvore pode atingir de 8 a 15 metros de altura, suas folhas elípticas e lustrosas são utilizadas como alimento para suínos e bovinos, além de produzir e oferecer sombra durante os períodos de sol escaldante. A planta também é muito admirada pelos sertanejos, que reconhecem sua resistência e utilidade na vida cotidiana. Carvalho (2007) acrescenta que seus frutos são comestíveis e muito valorizados por adultos e crianças, representando um recurso importante para alimentação durante os períodos de estiagem.

O juazeiro possui caráter sólido, refletindo firmeza e resistência, pois é capaz de resistir a todos os períodos de seca, sendo uma das espécies mais conhecidas por manter suas folhas durante grande parte do ano. Além disso, a planta coleta a umidade escassa existente no subsolo (cf. TAJRA *et al.*, 2020).

Como é possível notar, não é casual que o Juazeiro é uma figura central na trajetória de Fabiano e sua família: é símbolo da esperança, um refúgio, sinônimo de resistência e de fé por dias melhores. Assim, debaixo da sua longa estalagem, Fabiano e sua família encontram abrigo e alívio momentâneo para os sofrimentos:

Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera (RAMOS, 2004, p. 18).

Fabiano, sobrevivente deste ambiente tão hostil, desenvolve uma

“trave apedrejada” no coração, que molda o seu caráter. A estrada permanece tortuosa devido à seca e à fome. A vida no sertão é marcada por escolhas difíceis e constantes adversidades. Baleia, figura canina, símbolo de lealdade e companheirismo, representa a parceria entre homem e animal, evidenciando afetividade e altruísmo nos momentos de infortúnios e desgraças.

Por um instante, Fabiano volta seu olhar para o sol que se encaminhava para o ocaso; as estrelas surgiam uma a uma, trazendo com elas alegria ao coração do personagem e despertando a fantasia da chuva. Marcado pelo pleno ardente desejo, o personagem já se imaginava em seu devido lugar, como o vaqueiro do sertão a florescer pela chuva e pela fartura dos animais no curral. Na mente, os pensamentos de liderança de um homem que enfrentou desafios, cuja esperança permanece enraizada, assim como o juazeiro, que, com ou sem chuva, mantém suas folhas sempre verdes como símbolo de resistência diante da aridez do sertão.

A expectativa de Fabiano diante da esperança da chuva em *Vidas secas* corre em paralelo à realidade descrita por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (1947) na música *Asa branca*, que expressa o desejo do sertanejo pelo retorno da chuva: “Hoje longe, muitas léguas/ Numa triste solidão/ Espero a chuva cair de novo/ Pra mim voltar pro meu sertão”. 144

Assim como o rei do baião canta a expectativa do retorno da chuva para que a vida no sertão possa continuar, Fabiano, protege suas esperanças na tempestade que ainda está por vir. Esse desejo revela a persistência em manter os sonhos vivos, mesmo diante da dureza do cotidiano.

A semelhança entre a experiência literária e musical evidencia um aspecto significativo da realidade vivenciada por muitas pessoas durante longos períodos de seca no sertão nordestino. Mesmo diante da escassez, a esperança por dias melhores permanece presente e se mostra como o único detentor de alimento simbólico por dias melhores na vida do

sertanejo, mesmo quando tudo ao redor se esmorece.

3. O ASPECTO DIALÉTICO DO TRABALHO: ENTRE CABRA E HOMEM

O romance *Vidas secas*, para além da expressão simbólica da vegetação e do clima do sertão, permite uma análise a partir do sujeito e seu modo de produção social, que é o trabalho. Como o nosso foco é discutir a desumanização, uma reflexão sobre o trabalho, revela que quando este é alienado, resulta na força desumanizadora que nega a humanidade do sujeito. Ao analisar as concepções teóricas de Marx e Saviani, com a narrativa de Fabiano, é possível observar também esse aspecto na trajetória do personagem.

Saviani (2005) destaca que o homem precisa produzir continuamente sua existência por meio do trabalho, não apenas um trabalho de atividade qualquer, mas um trabalho que possui finalidade intencional. Segundo o autor, é a produção humana que diferencia os seres humanos dos animais, pois, ao transformar a natureza em cultura, o homem transforma a si mesmo, humanizando o mundo e a si mesmo. 145

Quando se trata das condições do trabalho alienado, essa potência humanizadora é negada. Marx, em sua clássica análise do processo de alienação, adverte que o trabalhador se vê submetido ao objeto que produz, tornando-se servo dele, perdendo-se de si. Nesse sentido, o trabalho, em vez de afirmar a humanidade, mostra-se como algo estranho, pertencente a outro, configurando-se como a perda da própria essência humana:

Finalmente, a externalidade (*Ausserlichkeit*) do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de um outro, como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. [...]. Assim também a atividade do trabalhador não é a sua autoatividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo (MARX, 2004, p. 83).

O autor ainda afirma que o homem só se sente como ser livre quando se apropria das funções animais, como comer, beber e procriar, ações indispensáveis para a manutenção da vida. No trabalho alienado, ocorre uma inversão, através da qual a ordem natural se desloca: o homem se torna animal e o animal se torna humano (cf. MARX, 2004). Da mesma forma, Fabiano se vê em meio a essa percepção enraizada do trabalho, diante de seus pensamentos. O personagem, ao refletir sobre o seu trabalho, não se reconhece como homem e se auto denomina um cabra, alguém que não consegue transcender a sua ocupação, com o que é dos outros:

Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra (RAMOS, 2004, p. 18).¹⁴⁶

Quando o trabalho se torna estranho ou alienado, como descreve Marx, o indivíduo perde sua essência. Fabiano passa a agir como um estranho a si mesmo, incapaz de se afirmar como sujeito, reduzindo-se a uma condição de ‘cabra’: “Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia” (RAMOS, 2004, p. 27). Ao internalizar, explícito no fato de falar pouco e obedecer, a opressão o personagem mostra-se em estado de desumanização. Como afirmamos em outro texto (cf. Rocha 2025) a alienação conduz o indivíduo a agir como um estranho de si, dos outros e do mundo. O efeito prático da alienação é esse: ela reforça a perda da consciência crítica e da própria humanidade do homem, aspectos que estão presentes em Fabiano.

Um olhar sobre a história do Brasil no período em que o romance foi escrito é revelador. Hilsdodrf em sua obra *História da educação brasileira* (2011) afirma que o movimento de 1930 foi interpretado durante muito tempo como uma tomada de poder da burguesia industrial, período marcado por acordos e alianças entre militares, políticos e indústrias. Nessa época, o Nordeste, devido ao declínio de suas atividades econômicas, apresentava baixa capacidade de importação e grande dificuldade de acumulação de capital, o que limitava o progresso técnico e tornava a região pouco atrativa para investimentos externos.

Komatsu *et al.* (2019) reforça essa compreensão ao afirma que regiões com maior disponibilidade de capital humano tendem a desenvolver tecnologias que utilizam excessivamente esse fator, promovendo maior produtividade industrial. Por sua vez, o Sul e Sudeste concentravam a maior capacidade de expansão (cf. SILVA, 2018).

Além das limitações econômicas, outro fator que contribuiu para o atraso social do Nordeste foi a educação. Antes do final do século XIX, a região Sudeste já apresentava alto crescimento na alfabetização, enquanto o Nordeste só atingiu níveis semelhantes em 1920, mantendo-se ainda taxas inferiores em comparação com as demais regiões. Como resultado, observamos que essa região permaneceu com maior desigualdade educacional no país (cf. KOMATSU *et al.*, 2019).

Todo esse cenário de desigualdade reflete na trajetória de Fabiano e sua família, ilustrando como essas condições sociais impactavam diretamente a vida das famílias nordestinas da época. O personagem, moldado por gerações, acostumado com a submissão e à dureza do sertão, entevia a obediência aos outros como um destino irrefutável. Isso explica, em boa medida, a sua relação ambígua com o saber da linguagem: “Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas” (RAMOS, 2004, p. 20).

A recusa de Fabiano em aprender e o medo de pronunciar “as

palavras da cidade” simbolizam a negação histórica do acesso à educação das classes populares do sertão. Freire compreende esse fenômeno como parte da lógica da opressão, em que os oprimidos “se encontram proibidos de ser” (FREIRE, 2023 p. 58). Essa condição, internalizada como natural, mantém viva a desigualdade, reforçando o processo de desumanização do sujeito.

A mesma desumanização retratada por Freire (2023) é internalizada ainda mais profundamente na vida do personagem, apresentando assim sua exclusão como sujeito social: “Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha” (RAMOS, 2004, p. 21). Em contraste com o pensamento freiriano, sobre a desumanização, o personagem, por ter vivido uma vida de injustiças e opressões, passa a ser transformado em “coisa”, como um ser inanimado (cf. FREIRE, 2023), ou seja, o indivíduo passa a não ter direito de voz, atuando como uma mera peça no jogo dos opressores.

A consequência do personagem “assumir” essa desumanização reflete diretamente na educação dos filhos. O pai, que por toda a sua vida foi privado de ser questionador, acaba reproduzindo sem saber a mesma condição que o oprime: “Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. [...]. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. [...]. Esses capetas têm ideias...” (RAMOS, 2004, p. 20).

Apesar do gesto de censura, o personagem é tomado pelas lembranças de infância, nas quais o mesmo espírito curioso de seus filhos ressurgia em sua mente, o antigo desejo de entender o mundo e buscar respostas: “Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o debalde” (RAMOS, 2004, p. 20).

Toda essa lembrança permite deduzir que o personagem desperta em si a consciência de que estava repetindo com os filhos o mesmo padrão de opressão que sofreu e, por um instante, passa a mudar sua forma de pensar, ansiando que os meninos tivessem a oportunidade que

um dia lhe foi negada: “Depois da comida falaria com sinhá Vitória a respeito da educação dos meninos” (RAMOS, 2004, p. 25). Esse marco demonstra que suas experiências do passado deram início a um novo olhar ao mundo: que os filhos não passem pelo silenciamento que o marcou desde cedo.

O trabalho alienado que conduz à negação histórica do processo de humanização, somado às limitações estruturais do sertão, se torna um dos percussores que sustentam a desumanização e o aprisionamento de Fabiano. O romance mostra que, ao internalizar a opressão como destino, o personagem permanece preso às amarras do sistema. Algo desperta nele, contudo, revelando-lhe a possibilidade de ao oferecer educação aos filhos, um novo começo de ação seria possível.

4. O PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO

Ao longo da narrativa, a condição de aprisionamento fica ainda mais evidente quando o personagem, em sua jornada até a cidade, busca o mínimo de sustento para sobreviver. O caminho revela ser custoso, marcado por desigualdades e desumanizações. 149

Essa luta do personagem diante do sertão revela uma realidade que se assemelha à concepção da teoria de Marx. No capítulo “Salário” dos *Manuscritos econômicos-filosóficos*, o autor afirma que “a taxa mais baixa e unicamente necessária para o salário é a subsistência do trabalhador durante o trabalho, e ainda [o bastante] para que ele possa sustentar uma família” (MARX, 2004, p. 24). Essa concepção traduz a vida do sertanejo, que se desloca até a cidade para garantir o mínimo para a sobrevivência de sua família: sal, feijão e rapadura.

Essa jornada é marcada pela injúria sofrida quando é enganado por um sargento em um jogo: sem esperar que, naquele momento, seria-lhe tirado o direito de ser humano, ferindo sua dignidade por meio da violência simbólica e material: a prisão. Freire (2023) sustenta que a

desumanização é resultado de uma ordem injusta, que gera violência por parte dos opressores contra os oprimidos. Em *Vidas Secas*, essa mesma desumanização se concretiza quando Fabiano, um sujeito de bem, é enganado e preso sem motivo:

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender. [...]. Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso [...] tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir (RAMOS, 2004, p. 30).

Esse contexto de vulnerabilidade e violência desperta no personagem um forte desejo de justiça e indignação. Montesquieu, em *O espírito das leis*, afirma que o governo rege os cidadãos de acordo com o princípio moral que orienta a virtude, a honra e o medo. A partir dessa perspectiva, as leis da educação passam a ser o primórdio da cidadania:

As leis da educação são as primeiras que recebemos. E, como nos preparam para sermos cidadãos [...] nas monarquias, terão como objeto a honra; nas repúblicas, a virtude; no despotismo, o temor (MONTESQUIEU, 2000, p. 41).

150

A atitude do soldado, símbolo do autoritarismo em relação a Fabiano, marca bem o princípio descrito por Montesquieu: o temor. Ou seja, um governo regido pelo pavor. O sistema de liderança praticado pelo soldado reflete a corrupção dos princípios morais de uma sociedade, cuja meta deveria ser a virtude. Como resultado, o terror se torna a maior forma de controle. Mesmo sem entender o motivo de tal repreensão, Fabiano segue calado, mediante o receio da autoridade. É aí que ele se encontra na tarefa de agir diante dessa situação, contudo, sua mente permanece contida em uma única lembrança, sua família:

Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro

quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as entacostas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos havia a cachorrinha (RAMOS, 2004, p. 37).

Segundo Martins (2025):

Todo o pensamento rousseauiano assenta-se sobre o princípio da bondade natural do homem: em estado de natureza o homem é bom; a perversidade e o vício têm origem social como efeito da corrupção dessa bondade originária (MARTINS, 2025, p. 190).

151

Essa concepção reflete a ideia de Fabiano, que, apesar de sofrer a injustiça e a opressão da sociedade, não se deixa levar pela crueldade. A bondade natural descrita por Rousseau permanece no personagem aliada à lembrança da família, impedindo-o de agir com extremismo, mesmo diante de um contexto marcado pela imoralidade do poder.

Diante desse cenário, o personagem reflete sobre a ordem social em que está inserido e compreende que o sargento é apenas um mecanismo dessa estrutura de poder, uma mera engrenagem da máquina social que pode ser descartada ao menor sinal de falha. A situação vivida pelo personagem encontra uma explicação no famoso *Manifesto comunista*, obra escrita por Marx e Engels, que afirma: “O poder político é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra” (MARX, ENGELS, 1998, p. 59). O soldado é apenas uma figura governada pelo poder político, um instrumento de dominação e de coerção, que reproduz e se

vale da vulnerabilidade dos oprimidos a fim de manter o ciclo de opressão.

Outro momento marcado de desumanização ocorre quando o personagem e sua família se deslocam até a cidade a fim de cumprir práticas religiosas. O ambiente onde essas práticas são realizadas impõe um modelo social de “bons costumes” da vestimenta do povo da cidade, reforçando o cenário de desprezo sobre o cangaceiro:

Como tinha religião, entrava na igreja uma vez por ano. E sempre vira, desde que se entendera, roupas de festa assim: calça e paletó engomados, botinas de elástico, chapéu de beata, colarinho e engravata. Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela [...]. Comparando-se com os tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso, desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas (RAMOS, 2004, p. 75-76).

A cidade internaliza esse “modo legítimo” do modo de vestir e de se comportar no personagem. Com isso, Fabiano se vê inferior aos demais, sentindo-se humilhado diante da inferiorização, uma vez que os grupos dominantes impõem seus valores e normas a serem seguidos. Toda essa repreensão pode ser vista como uma forma de violência simbólica, tal como é descrita pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu:

Todo esse poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força (BOURDIEU, 1992, p.19).

Dessa forma, é possível observar que essa mesma violência simbólica descrita por Bourdieu exemplifica exatamente a violência sofrida por Fabiano. Tanto a prisão como a violência simbólica é

resultado de uma ordem que oprime e silencia o personagem, evidenciando a prática instituída do processo de desumanização é um dos pilares estruturais do atraso no sertão.

5. O INÍCIO DO SER MAIS

O que se equipara à escolha da liberdade por si? Nossas ações são movidas por nós mesmos ou entregues a um destino irrefutável que nos molda em silêncio? Para Sartre, o homem está condenado à liberdade, não como escolha, mas como condição inevitável: “O homem está condenado a ser livre. Condenado, pois ele não se criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado ao mundo” (SARTRE, 2012, p. 16).

Ampliando essa visão, Freire (2023) afirma que o indivíduo é um ser em constante processo de fazer-se, de tornar-se. Essa ideia dialoga com Sartre, pois também entende o ser humano como projeto em construção, uma vez que o homem é concebido como um ser é inserido no mundo. Para Freire, esse processo de construção está diretamente associado a uma vocação ontológica - resultado do crescimento, da liberdade e da humanização.

Contudo, essa vocação muitas vezes é negada: “Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores” (FREIRE, 2023, p. 40). Toda essa desumanização, segundo o autor, não se configura como destino dado, mas como resultado histórico de uma sociedade marcada por contradições e injustiças.

Fabiano, que a todo momento reconhece a desigualdade em que se encontra, não age diante do sistema opressor que o rodeia: “As contas do patrão eram diferentes [...], mas Fabiano sabia que elas estavam erradas e o patrão queria enganá-lo. Enganava (RAMOS, 2004, p. 114). Segundo Freire (2023), o indivíduo, na consciência ingênua, percebe a realidade instaurada, contudo, não compreende os problemas estruturais enraizados

que o cercam. Assim, o personagem sabe que algo não se encaixa, mas não possui os meios necessários para agir diante de tal fato.

No capítulo intitulado “Sinha Vitória”, a personagem se vê perdida em pensamentos de anseio: o desejo por uma cama de lastro de couro. Porém, diante da extrema escassez material, tal desejo permanece impossível na narrativa familiar, contudo, persiste como sinal de resistência simbólica:

Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria agradável dormir-se numa cama de lastro de couro, como outras pessoas. [...]. Poderiam até adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no querosene. Sinha Vitória respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas (RAMOS, 2004, p. 40).

O pequeno desejo da personagem, apesar de não possuir sustento suficiente, se intensifica ainda mais ao longo da narrativa. Esse desejo pode ser visto não somente como um anseio material, mas sim como resistência existencial. Assim como Sartre, Sinha Vitória afirma sua liberdade ao sonhar. Da mesma forma, esse anseio reflete nas ideias de Freire (2023) ao expressar o “ser mais” - a escolha de se tornar humano. Na personagem esse aspecto aparece no desejo de querer o mínimo, reflexo das condições desumanas e desiguais.

Diante de todos os casos de infortúnio, Fabiano reflete a ideia de partir daquelas terras que não lhe garantiam persistência de vida: “Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as desgraças eram muitas [...]. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados” (RAMOS, 2004, p. 114 - 115). Em meio às desgraças, eles retomam novamente as esperanças que a todo momento os acompanham:

Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catanga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos

morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes (RAMOS, 2004, p. 122).

A família, diante do descontentamento da vivência na fazenda, que se intensificou diante das misérias, toma a decisão de partir mesmo com destino incerto, simbolizando a recusa da estagnação e a esperança na busca de algo além: “Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam. – O mundo é grande” (RAMOS, 2004, p. 121). O personagem, mesmo sem romper a estrutura social em que está imerso, demonstra resistência e libertação interior ao tomar essa decisão.

Esse ato de resistência pode ser compreendido à luz da pedagogia freiriana como um manifesto de consciência, quando o sujeito reconhece sua opressão e deseja superá-la, intensificando-se no “ser mais”, assim como descreve Protásio (2023), que interpreta o ser social como a capacidade humana de superar e ultrapassar os limites naturais. Indo além dos desafios, expressando assim o ser mais. 155

Com isso, apesar dos caminhos de desfortuna que os personagens trilharam ao longo da estiagem na fazenda, a esperança, tal como no início da narrativa, permanece caminhando lado a lado com os personagens em meio às estradas tortuosas e vermelhas do sertão. Fabiano, ainda que não alcance a libertação efetiva do sistema que oprime ele e sua família, possui em sua mente o início de uma consciência reflexiva, fortalecendo as primeiras raízes do “ser mais”, assim como o juazeiro, que mesmo em meio a solos incertos, persiste a sobreviver.

6. CONCLUSÃO

Diante do exposto, fica evidente que *Vidas secas* revela mais que um simples retrato literário. O romance de Graciliano Ramos é o reflexo

histórico da desumanização do sujeito enquanto indivíduo. A trajetória de Fabiano e sua família descreve os aspectos da luta contra a seca, bem como o sistema que os nega enquanto sujeitos, reduzindo-os a meros indivíduos.

Entretanto, mesmo diante da violência simbólica, do trabalho alienado e da inferiorização, o enredo apresenta aberturas de resistência, refletindo esperança e desejo por dias melhores, elementos que, para Freire, representam a interiorização do “ser mais”. Assim, embora os personagens estejam sob um controle nocivo e opressor, não perdem a expectativa de um horizonte cheio de possibilidades, andam, desejam, esperam e caminham.

A obra, nesse sentido, retrata a desumanização e reflete a força estruturante do contexto social, mas não como fator determinante da vida daqueles nordestinos. Enquanto existir a resistência e o desejo de transformar o mundo, persiste a possibilidade de romper com esse ciclo repressivo. Dessa maneira, *Vidas secas* não encerra na dor ou na desesperança, nem na caminhada, mesmo sob destino incerto, pois quem continua a caminhar permanece na resistência. 156

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Ziziphus joazeiro*. **Circular técnica**. n. 139, nov. Colombo: Embrapa, 2007, p. 1-7.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 87 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da educação brasileira:**

leituras. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

KOMATSU, Bruno, *et al.* Novas medidas de educação e de desigualdade educacional para a primeira metade do século XX no Brasil. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 49, n. 4, out./dez. 2019, p. 687-722.

MARTINS, Jasson da Silva. **Fundamentos filosóficos da educação: contextos, autores e ideias**. Vitória da Conquista: Arcano 3, 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MELO, J. O. et al. A Caatinga: um bioma exclusivamente brasileiro. **Ciência & Cultura**, v. 75, n. 4, 2023, p. 1-9.

MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

157

PROTÁSIO, Alexandre Reinaldo. Os fundamentos ontológicos do pensamento pedagógico de Paulo Freire. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pelotas, 2023, 280f.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 93 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ROCHA, Eduarda Silva. Práxis e consciência crítica. **Revista Pandora Brasil**, edição 121, mar., 2025, p. 56-67.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2005.

SILVA, Djarclessia Barbosa da. Controvérsias entre o processo de industrialização das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil até meados do século XX. 2018. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuárias e Contabilidade, Fortaleza, 2018, 108f.

TAJRA, Rosana Solon, *et al.* Juazeiro, *Ziziphus joazeiro* Martius: valor terapêutico e símbolo de resistência e esperança no semiárido. In: **Fórum saberes tradicionais das comunidades no semiárido** [Anais]. Sobral. 2020, p. 103-109.

EDUARDA SILVA ROCHA

<https://lattes.cnpq.br/3524818665647708>

158